
**Dossiê: Rubem Alves,
teólogo, educador e poeta**

O Amor através das Metamorfoses. A história de Rubem Alves com sua filha, a menina que o transformou

Raquel Alves¹

Quando a gente abre os olhos, abrem-se as janelas do corpo, e o mundo aparece refletido dentro da gente. (Rubem Alves)

As imagens da memória vão passando na minha frente, aleatoriamente. Eu não vasculho, não procuro, elas simplesmente me chegam, dando-me grande alegria. Um pai que entra na multidão para abraçar a filha que acaba de se formar na faculdade, a filha que dá um jardim de presente ao pai, o pai que escreve e depois lê as histórias para a menina e confere, cautelosamente, se não há cobras embaixo da cama para que ela possa dormir em paz...

Desde muito cedo percebi que meu pai era diferente. “Olha, é o papai na TV”, eu dizia orgulhosa. E por ser diferente, dividi meu pai com o mundo também. Todos queriam um pouco. Passavam longos – quase infinitos – meses para que meu pai voltasse de uma terra distante, trazendo-me aquele sorriso e o colo. Mas temos saudade somente daquele que é presente dentro do coração. Nunca senti a ausência do meu pai, porque ele sabia bem como são os desejos da alma. Fazia-se presente intensamente dentro dos momentos que a vida lhe permitia – e com isso, minha alma de criança sorria.

¹ Raquel Alves é arquiteta e urbanista.

Há uma infinidade de formas de amar. Aqui, vou contar-lhes uma história de amor, entre um pai e uma filha – Rubem Alves e Raquel Alves.

Acompanhei meu pai durante alguns anos em palestras e a pergunta do público, quando me via, era sempre a mesma: “Como você se sente sendo filha de Rubem Alves?” Nunca consegui entender bem o que queriam saber exatamente, qual a resposta que esperavam de mim. Rubem Alves, intelectual, escritor, educador, era, por acaso, o mesmo homem que o meu pai. Tenho um amor de colo, de proteção e carinho. Admiração também, mas não da mesma forma como o público e seus leitores o admiram. É outro foco, outro ângulo. Conversando uma vez com ele a respeito dessa pergunta que me era feita com frequência, acredito que ele entendeu a charada, me respondendo: “Pensam que sendo eu educador, tenho alguma técnica para criar meus filhos.”

Não havia técnica alguma. A única regra era conviver com a gente. Sendo filha caçula e fora do tempo, pude me dar ao privilégio de receber a atenção de filha única, mesmo tendo irmãos. Sergio e Marcos, meus irmãos já eram adolescentes quando nasci. E quando comecei a aproveitar efetivamente a companhia dos meus pais, eles preferiam os amigos da rua. O colo era todo meu sem disputa alguma. Por outro lado, de certa forma, a vida exigiu dos meus pais uma atenção especial, a qual me foi dada em abundância e nunca terei palavras para agradecer².

Meu pai escrevia usando metáforas para ilustrar seu pensamento. Não é a toa que ele escreveu:

A vida tem sua própria sabedoria. Quem tenta ajudar uma borboleta a sair do casulo a mata. Quem tenta ajudar o broto a sair da semente o destrói. Há certas coisas que têm que acontecer de dentro para fora.

Ele fala aí sobre si mesmo, sobre mim e sobre a vida. Explico...

Tudo corria bem. A barriga da minha mãe crescia e o dia 10/11/1975 era esperado com grande alegria. Uma época em que se escolhiam dois

² Raquel nasceu com um “fissura labial” e precisou se submeter a várias cirurgias. Este acontecimento foi marcante na vida de Rubem Alves, como ele mesmo ressalta em algumas de suas obras. Passou, então, a contar histórias para sua filha, as escreveu, e hoje é de todos nós.

nomes: Daniel ou Raquel, quem viria? A alegria foi interrompida com o meu nascimento. As surpresas que se tinham com o nascimento de uma criança não eram antecipadas – nem as boas e nem as ruins. Nasci com lábio leporino e fenda palatina, deixando meus pais em profundo choque... Ainda era uma coisa muito pouco conhecida. Conta meu pai, que naquele exato momento, sentado na sala de espera da maternidade, refletiu sobre seu trabalho: “De que forma o que eu faço pode ajudar essa menininha?”; “Minhas obras são muito acadêmicas e frias. Quero escrever àquilo que me pede o coração.”

Poucos anos depois, em 1980, defende sua tese de Livre Docência. Com isso, recebe a esperada estabilidade no emprego, que lhe dá coragem para começar a escrever exclusivamente a linguagem que correspondia à sua alma e o seu coração. Nessa época lançou livros como “O que é Religião?” e “A Filosofia da ciência”, inovando seu estilo de escrita.

Na medida em que eu ia crescendo, o contato com o mundo começou a me apresentar as minhas primeiras dores: a consciência de que eu era diferente e as cirurgias que teria que enfrentar. Das dores vinham as angústias, das angústias os choros, dos choros as conversas e das conversas as histórias.

Certa vez eu disse que não queria ir à escola, para o espanto dos meus pais. Concedida a permissão de ficar em casa, expliquei-me: “estou cansada de dar explicações, as crianças sempre me perguntam por que sou assim... E eu falo que nasci assim, mas todos os dias me perguntam de novo...” Chorei. Não lembro bem qual foi a conversa entre eu e meus pais, mas desse diálogo nasceu a história “Como nasceu a alegria”. Ainda datilografada em papel amarelado, meu pai me contou a história da florinha que nasceu com uma pétala partida. Eu era a florinha.

Outra vez, triste em saber que mais uma vez ficaria longe do meu pai por alguns meses, pois ele teria que viajar a trabalho, eu chorei. Não havia promessa de boneca alguma de presente que me consolasse. Até que à noite ele sentou ao meu lado no sofá e leu “A menina e o pássaro encantado”, recém-nascida da sua imaginação. Eu era a menina e ele era o pássaro. E com isso ensinou-me os encantos que existem na saudade de alguém que se ama...

Com 6 anos, outra cirurgia. Não acredito que pessoa alguma possa passar completamente sossegada por alguma cirurgia. Sempre há um

medo, por menor que seja. Para uma criança também é assim. Já de camisola, deitada na cama do hospital, ouvi pela primeira vez “A operação de Lili”, igualmente datilografada em folhas amarelas, com aspecto surrado. Eu era a elefantinha operada, que durante a cirurgia sonhara que era a Cinderela que dançava com um lindo e garboso elefante. E feliz com a minha imaginação fui ao centro cirúrgico.

Assim como essas estórias, outras vieram. E vieram muitas outras mais que já não eram dedicadas a mim. Não importava. A semente do amor do meu pai já germinava dentro de mim a força e a alegria de ser quem eu era.

Os anos se passaram e a Raquel menina se tornou adolescente. A adolescência, como todos sabem é tempo de bagunçar a casa, para que tudo se arranje novamente. Distanciei-me das estórias e vivi tempos de muita raiva, pois a minha dor particular tinha se transformado em algo de conhecimento nacional. Eu achava que meu pai não tinha o direito de violar a minha privacidade. Felizmente essa época ficou no passado e hoje posso dizer que naquela época eu ainda não entendia das belezas e mistérios do mundo de Deus...

Com o passar do tempo, graduei-me e pós-graduei em Arquitetura e Urbanismo, e me dediquei ao Paisagismo. Ele voltou a voar muito, desta vez Brasil afora disseminando mais amor e sensibilidade às crianças e à vida através da educação. Foram pelo menos 15 anos (1995-2010) de produção intensa, quase ininterrupta. Não por uma decisão racional do meu pai, mas porque a sua alma pedia. Ele precisava escrever como forma de melhorar o mundo e também como forma de aliviar aquela dor mansa e constante que convivia com ele dia e noite, nunca permitindo que sua alma ficasse saciada.

Os anos se passaram e seu ritmo diminuiu. Parou de voar nas asas dos aviões e passou a viajar na imaginação. Ao mesmo tempo o desejo de ver a obra do meu pai sendo cuidada foi tomando conta do meu corpo. Esse era um desejo muito antigo dele, mas dessa vez foi na minha alma que ele floresceu. Nasce então o Instituto Rubem Alves, cuja missão é continuar espalhando as sementes de Rubem, garantindo que sua obra sobreviva tocando muitas gerações mundo afora.

Ainda me faltava algo. Meu coração pedia. Aquela raiva adolescente deu lugar a uma gratidão sem fim e eu fiquei possuída de beleza pela vida. Divinas palavras plantadas em mim... Metamorfosearam-me.

Na época da comemoração dos 80 anos do intelectual, dentre as homenagens que a mídia fez, dediquei-lhe com o coração de filha, um jardim. Anualmente eu participava profissionalmente da mostra de paisagismo de Holambra (SP) e, valendo-me do meu trabalho, presenteei meu querido pai com um jardim com balanço e tudo, do jeito que ele gostava. Foi a primeira vez – com o coração cheio de orgulho e alegria – que assumi e declarei publicamente de quem era filha. Meu lado profissional e paisagista não me importava tanto. Eu era filha dele, a menina do pássaro encantado, a florinha perfumada de pétala partida e a elefantinha que tinha entalado um sapo na tromba; e esse amor tomava conta de mim.

O Instituto já existia como instituição e atendia à papelada burocrática, falando a linguagem do mundo dos homens. Mas faltava falar a linguagem da alma. Em Janeiro de 2014 decidimos ter uma sede, que homenageasse Rubem Alves de verdade. Entre um cochilo dele e outro íamos “roubando” carinhosamente seu apartamento, pegando seus certificados, prêmios e tudo que contasse sua história. Em 30 de Maio de 2014, num evento fechado para a família e amigos próximos, sem nada saber, ele veio receber sua grande homenagem. Ele nos deixou em 19 de Julho, 50 dias depois, tornando-se eterno pássaro encantado, que ficará com penas magicamente coloridas toda vez que sentirmos saudades.

Depois de encantado, eu–menina transformei-me mais uma vez. A arquitetura ficou e ficará guardada na memória, pois foi a hora de ouvir a voz do meu coração. Assumi integralmente a diretoria do Instituto que carrega o nome do meu pai.

Essa não é uma história de amor qualquer, pois reflete ela quão poderosas e transformadoras são as forças do amor: Quando eu nasci, iniciou-se um ciclo em virtude do despertar do olhar do meu pai. Ele se transformou por amor a mim, para me ajudar, e isso foi apenas o ponto de partida. Com seu encantamento outro ciclo se inicia, frutos das sementes do primeiro; e desta vez por amor e gratidão ao meu pai eu (ainda) me transformo.

A força motriz do meu pai sempre foi a voz que vinha do seu coração. A única regra era essa. Por isso, estudiosos nunca conseguiram, por mais que tentassem enquadrá-lo em algum “ismo” literário – pedagógico – teológico. Pois não há maneira alguma da linguagem da alma, com toda sua força e mistérios, ser engessada dentro dos moldes acadêmicos.

“Que ele seja eterno”. É para isso que eu e o Instituto estamos aqui. Peço a Deus que o meu corpo tenha fome de melhorar os olhos da alma do mundo. É isso que impulsiona a propagação da obra de Rubem Alves.

O calendário me informa que mais um ano da minha vida se foi. Vejo o monte de areia na parte inferior da ampulheta. A parte superior os deuses, por bondade, ocultam-me. Peço-lhes a graça de viver por muitos anos, pois a vida é boa. Mas, para isso, é preciso que minha fome seja cada vez maior. Não quero satisfação ou tranquilidade. Quero é fome. Que todos os queijos do mundo, com seus múltiplos e estranhos cheiros sejam pouco para ela... (Rubem Alves)

Ele assina. Eu assino embaixo.

Raquel Alves